



A BALA

ÓRGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDACTOR—THAUMATURGO VAZ.

Publica-se 2 vezes por mez.

Assigna-se a 400 rs. mensaes.

A BALA.

Theresina, 1.º de Julho de 1883.

Nós, o edificio sublime da morale do direito; nós, a columna gigantesca da razão e da liberdade, aqui, ainda uma vez, nos achamos intrepidos,—dispostos a demolir estas barreiras que se interpoem ao nosso caminho, para de nm vôo chegarmos ao zenith de nossa gloria.

Ousados na senda do futuro,—não vacillaremos ante o nosso tentamen com o fim de conquistarmos neste afanoso certame o louro viridente de nossos sonhos.

O mundo, no seu incessante marchar, certamente nos recompensará, não obstante sabermos, por termos lido alguns, que « o mundo é comedia para quem vê e tragedia para quem sente. »

—Esperançosos, como somos, não nos affastaremos um passo sequer do nosso programma, para, assim, ter-

mos jus á entrada no sumptuoso Templo das sciencias.

Mas, para isso conseguirmos, é necessario ousadia, é necessario firmeza e perseverança, sem o que será provavel a nossa queda no pélago profundo do esquecimento.

Companheiros do progresso, ajudai a «Bala;» que só deseja progredir; vinde, com vosso entusiasmo, levai-a aos parthenons da civilisação hodierna !

LITTERATURA.

Fragmentos.

(A' Nascimento Filho.)

Já lá vão mezes. Era por uma dessas tardes de abril, quando a brisa, susurrando por entre a folhagem verdejante das mangueiras, produz um murmurio suave; quando os passarinhos, pulando aqui e alli, alegria a natureza com os seus concertos divinos !

Caminhando silenciosamente achei-me, como por encanto, na alameda

d'um parque que dava vista para o mar.

As buliçosas ondas vinhão bater na candida praia, fazendo uma melodia indefinível com o canto que vibrava d'um barqueiro!

No alcantilado d'uma rocha coberta de musgo, achava-se reclinado um mancebo que scismava.

Levado pela curiosidade dirijo-me a elle saudando-o; e, em vez d'uma lucida resposta, tristemente exclamou caindo as lagrimas dos olhos illuminados por uma luz suavissima, como as gottas do rocio matutino do calix d'uma rosa:

Talvez...

Suas palayras erão ungidias d'uma ternura misturada de arrebatamento que fazia delirar; sua voz tinha um que de mysterios; ora, assimilhava-se a uma canora frauta que desprenhe suas dulcenciosas notas no meio do silencio da noute; ora, com o clarim no mais tremendo dos combates!

Com a fronte voltada para o Atlantico, com os cabellos em desordem sublime, com um não sei que de encantamento, dizia:

Perdão, Maria: perdão para o desgraçado que vem proferir o adeus da despedida; perdão para teu Lauro que padece!

Homens invejosos que, assim, desligarão sem misericordia duas almas loucas de amor, duas almas nascidas ao sopro da brisa da desgraça!

E é de joelhos, com as fibras do sentir despedaçadas, que te confesso o meu amor; e, nem, o furacão da inveja o atterrará, nem, as tormentas da vida o farão vacillar!

Sei que me amas; que a tua alma candida pertence-me como os teus sonhos são meus.

E o que mais quero?!

Ah! que um vè de descrença envolve-me as toldadas ideias!

Deixar de ver-te! Sentença profunda que me martyrisa cruelmente! Não; cumpra-se; que lancem mil maldições contra mim, que as desprezarei.

Cumpra-se. Viverei longe do mundo e dos homens, já que a sociedade é uma louca que se ri; já que o mundo é um patibulo que si ergue!

Loucas! que pensão que separando-nos prohibem o nosso amor; parvos! que julgão que o amor não resiste aos embates da vingança!

Perdão, Maria; perdoo ao amante que sofre, perdoo ao infeliz que se despede, perdoo as palayras arden-tes d'um desgraçado que si curvou ante o poder da traição!

Adeus; si nossos olhos achão-se desviados, as nossas almas se vêem juntas por um èlo mysterioso e mag-netico!

—Deixai passar um desventurado que consentio que sorvessem, com a furia da fêra, os momentos de felicidade que poderia gosar.

Deixai passar o infeliz...

Assim fallou o mancebo, e dos seus olhos fugia uma luz que arrebatava e attrahia o infinito.

Levantou-se, e, julgando que Maria ouvia os seus queixumes, sorriu tristemente, e, no seu sorriso, havia um atomo de contentamento. Immediatamente, uma sombra lugubre annuviou-lhe o semblante!

Quiz caminhar mas as forças falta-
rão-lhe; quiz chorar mas as lagrimas
seccarão-se, e só achou lenitivo na
solidão d'un claustro, como depois
disserão-me!

Maria ainda existe. Encerrada em
um convento uma tristeza mortal, a
acompanha.

Dias virão em que aquelles espi-
ritos abatidos pelo vendaval do infor-
tunio serão venturosos.

Talvez: se o mundo não cessar de
caminhar; talvez!

Jayme.

Um lyrio.

(*A' ti. . . .*)

Um lyrio eu venho depôr
Do teu regaço na flor
—Cheio de doce ambrosia,
Pelas auras embalado
Pela aurora rociado
Do grato mez de Maria!

E' lyrio. E' a flor singella
Que nasceu meiga, mui bella,
No vergel, no meio d'abrothos;
E' uma debil florsinha
Viçosa, fresca, que tinha
Crescido ao sol de teus olhos!

Nada me digas. E' tua,
Vê como é bella! Está nua
De vaidade a tenra flor,
Vê como é lindo esse lyrio,
Como ao cheiral-o em delyrio
Minh'alma fica de amor.

O lyrio é teu. No regaço
Na dobra azul de teu laço
—Eu deixei-o respirar. . .
Agora, Armia, um só beijo
Na flor mimosa—eu desejo
Que deponhas sem córar!

Que sinta o lyrio os resabios
Tão suaves de teus labios
No crysol de luz amena;
E logo suas folhas lindas
Se desmacharem infindas
N'alguma espuma serena!

Ao vento—não; eu não quero
Que o lyrio seja Ashavêro
A' voar pela amplidão;
Na branca espuma dos lagos
Que morra em sublimes vagos
Por tão divina paixão!

Depois qu'em ternos harpejos
Soltados por entre—beijos
Os sabiãs da floresta
—Houverem cantado hymnos
Com fortes plangentes trinos
Com ar de tristonha festa:

Então á tona dos lagos
No meio de mil affagos
Virão um lyrio subir,
Dizendo as nuvens: cantemos,
Dizendo as brisas: amemos,
E um pobre louco á sorrir!

Var.

Dores.

Marilia. Confessa as dores
Que sentes no coração,
O que tens nos teus olhares
Os teus sorrisos que são;
Confessa que eu reconheço
O teu amor, tua paixão !

Vêr-te tristonha, sentada
Com um livro aberto pensando,
Vêr-te sozinha a janella
Mimosa, linda, scismando, . .
Depois com um langue sorriso
Em teus labios s'esfolhando.

E eu não poder terminar
Com os teus penares, creança,
E não poder consolar-te
Com um beijo na basta trança,
—Sem ser riscado do livro
Que me faz ter esperança . . .

São dores lentas, terríveis
São martyrios mui crueis
São cadeias inquebráveis
Que me prendem á teus pés,
São dores estas tremendas
Que fazem crer nos bordeis !

Pepita.

Alice.

(*A' José Rocha*)

Seu vestido é curtinho. O langue olhar
Tem um q' de attracção q' me fascina;
Tem requebros gentis, forma divina:
E' um anjo na terra a se adorar !

Sorrio. Em sua fronte, mar de rosa,
Se dilatava n'amplidão luzente,
O cabello castanho, refulgente,
Tão brando como a brisa perfumosa ! . . .

E' Alice—a franzina. Quando vejo-a
Minh'ardente paixão s'exalta. Beijo-a.
E minh'alma vagueia ao longe, alem...

E' q' a linda mulher, scentelha rapida
Se passa por mim me olha impavida
E eu lhe digo baixinho: Alice, vem...

Orual.

19--6--83.

NOTÍCIAS.

Baile.—No dia 23 do mez passado, em casa do sr. tenente coronel José Avellino, houve um esplendido. A funcção prolongou-se até as 3 horas da manhã, saindo os convidados satisfeitißimos pelo tratamento recebido.

Partida.—Hontem partio com destino ao Pará o nosso collega e amigo José Furtado Belleza.

Que faça feliz viagem é o que desejamos.

Jornaes.—Recebemos os seguintes:

Jornal de Sergipe,—*Mocidade Piauhyense*,—e *Flor*.

Agradecemos a offerta e enviamos-lhes a «Bala».

Ther.—Typ. da EPOCA—1883.